



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

22 de Maio de 2010 • Ano LXVII • N.º 1727
Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

Vida em Família

HÁ muito estava prometida uma visita para ver o andamento da casa que se aproxima do seu fim. Aquele sábado ele foi buscar-me à estação mais próxima e começámos por uma horta original, obra do seu sogro: um corredor comprido e um metro e pouco de largura que faz fronteira entre a linha do caminho de ferro e a estrada, satisfaz as necessidades hortícolas da família, ali ao pé da porta. Um acto inteligente de provisão e de entretenimento para quem ocupou toda a sua vida a trabalhar. Porque assim foi, do modesto património conseguido, dividido agora pelas suas filhas, houve o lugar onde se ergue a casa do nosso Rapaz. E os sogros têm a sua, também por eles feita há muitos anos, onde gozam a alegria e a paz da sua suficiência honesta, conquistada a pulso e ainda hoje sustentada sem encosto a qualquer subsídio, no usufruto das pensões de reforma do casal que pouco passam, juntas, dos quinhentos euros.

Cidadãos felizes e beneméritos de uma Pátria em aflições

de crise — apeteceu-me apertar-lhes as mãos. E fiquei pensando se não devia ser entre gente desta espécie de fidalguia que havia de procurar-se os que em 10 de Junho costumam ser condecorados por feitos de cidadania. Felizes eles; e reserva de felicidade para os filhos e netos que criaram num tempo e num espaço em que o futuro das gerações jovens se apresenta tão cheio de interrogações malsãs!

A moradiazinha que ali me levou, está um primor. Nem outra coisa me poderia parecer depois dos *alicerces* que tinha visto na hortazinha citada e do que já sabia e sei da qualidade dos valores humanos de quantos intervêm nesta acção.

* * *

Isto foi um sábado. Domingo seguinte, na Póvoa de Varzim, o baptizado do terceiro filho de outro casal nosso que também tem sido para nós fonte de muitas alegrias.

O mais velhinho, já no 5.º ano de escolaridade, tem correspondido



à letra aos dotes que Deus lhe deu e seus pais acompanham cuidadosamente. O segundo, ainda no Infartório, é o *terrorista* da família — um papel que desempenha na perfeição. Esperemos que o Rui Carlos, na foto junta erguido nos braços de sua mãe, não desmereça desta pequenina «íclita geração». Têm a quem sair! Pai e mãe trabalham sem medo dos trabalhos que os filhos possam trazer. E a vida tem-lhes provado que não há razões para ter medo. Deus é Pai e «d'Ele deriva toda a paternidade no Céu e na Terra». Esta é a segurança destes pais. Que fosse só por isto, eles são uma mais-valia social nestes tempos em que a ansiedade é doença na moda, decerto mais nociva do que as pandemias que surgem e são empoladas. Três rapazes. Que bem se uma menina viesse embelezar o ramalhete! (E se tornasse a ser rapaz não se perdia nada!)

Tantas crianças que nascem por aí e são pesadelo, em primeiro lugar para elas próprias, porque não têm pais à altura da missão! Estes têm, graças a Deus.

Também eu Lhe agradeço o fim-de-semana delicioso e reconfortante que tive.

Padre Carlos

SOU DO PAPA

Padre João

À hora destas palavras Bento XVI está prestes a aterrar, vindo da "Cidade Eterna", para visitar Portugal.

Folheando o *Páginas Escolhidas* demos com esta sublime expressão de Pai Américo que afirma, de forma absoluta, a sua pertença católica: «Eu sou do Papa». Afirmação de filiação consciente de quem há muito reconhecera também, em seu labor apostólico, de anúncio e denúncia, a maternidade da Igreja: «A Igreja é Mãe».

À mesma hora nos despedimos do Padre João Luís que vai partir para uma viagem a África com intenção de, naquelas latitudes, conhecer o trabalho da Obra da Rua. Primeiro em Moçambique, depois em Angola — Benguela e Malanje. Serão alguns meses de presença e contacto para melhor conhecer e firmar uma decisão de entrega. Entretanto, unidos, rezamos.

Bento XVI vem, como não podia ser de outro modo, como Missionário, vem em missão apostólica, e nem as "cortesias", próprias de quem vive um espírito incarnado na história dos homens, suas circunstâncias culturais e políticas, poderão obnubilar o seu sentido mais profundo: O Papa é um Pastor.

Portugal continua a ser um país de profunda vocação e tradição missionária. Ela é constitutiva da sua própria identidade. Talvez a infidelidade a este chamamento seja uma das causas da crise profunda em que mergulhou. De facto, a sua história e cultura, toda ela é um apelo permanente "a sair"; a ir ao encontro dos povos e nações. Portanto regressar às origens deste apelo é imperioso. Nesse apelo renovado agora com a visita apostólica de Bento XVI, todos recordamos a "força de alma" com que João Paulo II, na sua primeira visita a Portugal, em 1982, mobilizou a juventude desse último quartel do

Continua na página 4

BENGUELA

Padre Manuel António

Queremos viver na luz

ANDAVA perdido e foi encontrado. É o mais pequenino da nossa Família. Vai crescendo, a pouco e pouco, com muita paciência. Não experimentou o carinho da mãe natural, nem o amor do pai. A nossa Casa do Gaiato tem de ser tudo para ele. É um símbolo, e a figura de tantos filhos espalhados pela terra-mãe que é Angola. Quem dera fosse possível abrir mais portas! Os grandes centros, sobretudo, necessitam de apoio destas estruturas para acolher as crianças que, desde o seu nascimento, têm a porta aberta para o abandono.

Tenho muito viva a lembrança duma autoridade governativa que, em anos passados, queria que a Casa do Gaiato levasse a sua experiência para outras terras de Angola. Era, por sinal, um comunista histórico. A resposta, que na altura tive para lhe dar, foi esta: O único obstáculo é a falta de quem esteja disposto a perder tudo para dar a sua pessoa toda a estes filhos

abandonados. E o dinheiro para um investimento desta envergadura? Primeiro está a pessoa. É o capital gerador de toda a riqueza humana, de que os bens materiais são parte integrante. Agora, a resposta seria igual.

As cenas repetem-se. Estou a ver aquela rapariga, no início da sua juventude, com o filhinho ao colo. É vendedora ambulante. Meus olhos poisam no rosto do bebé, bem amarrado ao pescoço da mãe. Onde está o pai deste filho, pergunto. A resposta veio pronta: «Fugiu!» Alguém o procurou? Ninguém. Mais uma vítima inocente da violação do direito humano de todos os filhos: Nascer e crescer numa família, debaixo do olhar do pai e da mãe. O mal agrava-se, na medida em que a autoridade competente não intervém. Além disso, as mães, em plena adolescência, não têm experiência nem capacidade estável para ajudar o crescimento normal da criança. Houve uma fase da nossa vida em que a

maioria dos filhos que moravam em nossa Casa vinha desse espaço humano. Quando eram pequeninos, a mãe guardava-os. O pai fugira. Entretanto, à medida em que iam crescendo e criando problemas, a mãe deixava-os também. Estas situações, actualmente, embora não apareçam tão declaradas, existem como factor determinante para a falta dum compromisso natural e obrigatório de amar os filhos até ao dom da própria vida.

A propósito, à experiências encantadoras que enchem de ânimo a nossa vida. Levámos um menino ao hospital. Sofre de epilepsia. Fomos acolhidos duma forma tão carinhosa, como se nos sentíssemos em família. A médica é de nacionalidade russa, ao serviço do Ministério da Saúde de Angola. Este filho vai ser acompanhado com todo o cuidado. Hoje, voltei, de novo, por causa duma senhora, ao serviço da nossa Casa, que sofre do mesmo mal. A mesma atenção de sempre. Faço esta referência por se tratar dum sector muito procurado, onde sempre somos acolhidos com muita dedicação. É um testemunho do amor. Quem ama caminha na luz. Quem não ama caminha nas trevas. Queremos viver na luz! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

UM PROBLEMA SOCIAL COM MUITO POUCAS RESPOSTAS

— Olhando para o que se passa no pequeno mundo em que se move a actividade da nossa Conferência identificamos um problema social que temos vindo a encontrar noutras zonas, graças a um trabalho com IPSS's em que estamos de Norte a Sul do país. Já aqui escrevemos sobre esse problema em tempos, numa crónica que intitulamos "Os solteiros". Trata-se de pessoas que já não são nem crianças, nem jovens, mas também ainda não fazem parte do grupo dos chamados "idosos". Vivem sozinhos, ou porque nunca chegaram a constituir família, ou porque a tiveram, mas ela escangalhou-se. Nalguns casos sofrem de doenças físicas, ou de perturbações psicológicas temporárias, ou definitivas. Não têm emprego, ou pelo menos, não têm emprego regular e decente, mas ainda estão em idade e em condição física de poderem ter alguma actividade produtiva. O problema é que todos eles estão num plano inclinado donde muito dificilmente conseguirão sair se forem deixados entregues a si próprios. Com os problemas de desemprego que alastram pelo país fora e com as rupturas que vão acontecendo em muitas famílias, temos a impressão que este grupo social deve estar a aumentar. Face à gravidade cada vez maior deste problema, as respostas sociais existentes são muitíssimo poucas, ou pelo menos, muito mais insuficientes do que as que existem para as crianças e para os idosos.

Nos meios urbanos algumas destas pessoas acabam por cair no grupo dos chamados "sem abrigo". Cá pela nossa paróquia vamos fazendo o que podemos para lhes ir dando abrigo. A alguns deles chega ou Rendimento Social de Inserção, ou outras formas de apoio material. Noutras zonas temos encontrado IPSS's que os acolhem e os procuram integrar nos equipamentos e serviços de que dispõem para os chamados "idosos", mas as dificuldades dessa integração são grandes. Alojamento e algum apoio material imediato são imprescindíveis, mas não chegam. São precisas medidas que deverão passar pela recuperação possível destas pessoas no plano ocupacional, ajudando-as a exercer uma actividade produtiva que lhes permita ganhar o seu sustento, ou parte dele, e com isso, serem úteis à sociedade, recuperando um novo sentido para a sua vida.

Esta recuperação no plano ocupacional é coisa difícil que precisa de ser articulada com intervenções noutras áreas da vida destas pessoas. Cada uma delas é um caso específico que precisa de um trabalho e de um acompanhamento também específicos. As Conferências Vicentinas podem e devem dar aqui a sua ajuda, mas há situações onde não poderão fazer tudo sozinhas. Por isso, aqui fica esta chamada de atenção para que quem de direito comece a ir fazendo a sua parte, de modo a que, com a colaboração de todos, possamos ajudar estas pessoas a recuperar a sua dignidade de seres humanos e a dar um contributo produtivo a este país que precisa tanto disso.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

MALANJE

Padre Rafael

«**PAIZINHO**» é um dos dois filhos de um antigo gaiato que foi criado em nossa Casa. Se o primeiro, Quinsinho, em determinado momento da sua vida, optou por entrar no Seminário, o segundo, sem se saber quando, optou pelo caminho da prisão. Passado algum tempo consegui fugir e inclusivé alguns julgavam-no morto. Não passou muito tempo até que foi novamente apanhado e cumpriu a totalidade da pena. Mas como a reforma, entre os conhecidos deste país, é impossível, voltou às mesmas andanças e foi condenado a 8 anos de prisão sem ninguém saber muito bem porquê. Contudo, a história não acaba aqui. Assim, passados quinze dias, voltou a fugir da prisão.

Agora, escolheu lugares escondidos em volta da nossa Aldeia e povoações vizinhas que lidam com a nossa Casa para prosseguir com seus conhecidos roubos, espancamentos e, inclusivé, parece que alguma morte. A polícia tem fortes suspeitas que ele escolheu a nossa Aldeia como esconderijo e nós estamos em alerta máximo. Não creio que haja algo contra as nossas pessoas, mas suspeitamos que venha atrás das armas dos nossos guardas. A polícia não anda com histórias: «disparar a matar, assim poupam-nos trabalho»; mas passadas duas semanas ninguém conseguiu pará-lo.

Já foi muita sorte escapar ao meu baptismo africano em 25 de Abril. Depois dum dia de autênticos demónios, as pernas não foram capazes de me levar para a cama. Foram três dias em que as temperaturas chegaram aos 40 graus e a cabeça começou a doer e só parou quando o tratamento estava a acabar. Uma experiência a ser esquecida. Foram os meus primeiros cinco dias de descanso, depois do meu regresso de Espanha, há dez meses.

Quando me deparo com a doença, recordo grandes ensinamentos como: «Conhecer-se, passa por sentir-se vulnerável e frágil» e «necessito mais dos outros que eles de mim». Há poucos dias morreu o filho de um trabalhador nosso. O jovem tinha 18 anos e a causa foi um ferimento na cabeça. Todos sabiam que não tinha cura, mas aquele homem queria crer na possibilidade de um milagre. Foram mais de trinta dias em coma profundo. É o primeiro Africano que veio chorar diante de mim. Melhor dito: é o primeiro Africano que quase me vê chorar diante dele.

Tenho de descansar, todos temos de descansar, para pensar que a vida é frágil em todas as suas caras: alegrias, tristezas, esperanças, amores, ocasiões, dores, aspirações, frustrações, ilusões... não rejeito nenhuma delas, porque se as sinto é porque estou vivo. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

OBRAS — Depois das belas obras realizadas na Casa-Mãe, os rapazes esperam que as da casa III e as do bar terminem. Teremos mais obras, depois destas.

Podemos também dizer que o visual da nossa Aldeia ficou mais limpo — refiro-me aos jardins da nossa Casa.

Como habitual, os rapazes ocupam-se com o estudo e a procura de emprego. Os que não conseguem trabalho, ajudam na limpeza da Aldeia. Os que estudam, para melhorarem o seu aproveitamento, têm estudo das 21 até às 22 horas.

André Nevado

DESPORTO — O nosso Grupo Desportivo não pára. Este fim-de-semana, foi a vez de recebermos os Rapazes da Associação Desportiva Marco 09, da A. F. Porto. Antes e depois do jogo, estivemos a falar com o responsável pelo grupo, que nos foi dizendo: «*Vim aqui, tinha eu 10 anos. E sabe que me marcou?! Nunca mais esqueci esta Casa*». O certo, é que quando lhe fizemos o convite para este jogo, disse logo que sim. Segundo ele: «*Não queria perder a oportunidade de voltar à Casa do Gaiato. Tinha que aproveitar. As andanças do futebol, aos fins-de-semana, não me permitem vir cá*».

Em relação ao jogo, não podia ter

corrido melhor. Com golos de Rogério (2); Abílio (1); Ricardo Sérgio (1); Joaquina (2), um dos quais, de se lhe tirar o chapéu; e, Hugo (1) e uma exibição de luxo. O adversário, conseguiu marcar dois golos, por falta de atenção de quem estava na baliza. A vaidade... e a falta de concentração, pode destruir o trabalho colectivo.

Uma semana depois, deslocámo-nos ao Estabelecimento Prisional do Vale do Sousa, para conviver no 1.º de Maio.

Fomos muitíssimo bem recebidos. Tanto pelos Reclusos, como pelos Guardas Prisionais. Não podia correr melhor!

Os nossos Rapazes vinham a pensar no que viram e no que ouviram. Vinham felizes por lá ter ido; mas, alguns, vinham a fazer contas... e a meditar na vida daquela gente.

(...) O que a vida é! Contra nós, jogou um que já foi figura pública...!

Um jogo diferente. Um dia diferente para os nossos Rapazes, que mostraram vontade de lá voltar para jogar, para ver o nosso David, mas, e sobretudo, para conviver novamente com aquelas pessoas — independentemente de todo aquele controle a que fomos sujeitos. Tem que ser!

«*Venham mais vezes*». Era o que mais se ouvia dizer, na hora da despedida. Um 1.º de Maio que vai, de certeza absoluta, ficar gravado na

mente de muitos, senão de todos os nossos Rapazes que lá foram, bem como no coração daqueles reclusos. Um deles, disse-nos: «*Nunca fui à Casa do Gaiato, mas quando sair daqui, vou lá*». Falámos com muitos outros, onde os seus desabafos, também nos deixaram a pensar... Se deixaram?! É muito complicado.

Um jogo que decorreu com a maior compreensão de parte-a-parte, com *fair-play* e com muita gente a assistir ao *derby*. Nós não estamos habituados a este tipo de futebol (de 5), no entanto, o objectivo foi alcançado: conviver com os habitantes do EP do Vale do Sousa e, ver com os nossos próprios olhos, a realidade...!

Perdemos por 5-4, com dois auto-golos nossos. Quer dizer, marcámos seis e não conseguimos ganhar dentro das quatro linhas. Para nós, a vitória era outra, que não a dos golos!

Para terminar, quando já vínhamos embora, naquele túnel comprido, fomos interceptados por um dos guardas: «*Você já está há muito tempo na Casa do Gaiato?! De que Casa são? O meu pai é o Laurentino*». Chamávamos-lhe, nós, o «Caixa d'óculos». Como o mundo é pequeno...! Naquele casarão cheio de grades, temos *presos e polícias*. Foi bom, lá termos ido! E havemos de lá voltar, se Deus quiser!

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

VISITA DO PAPA BENTO XVI — Como em Portugal inteiro, a visita do Papa, entre 11 e 14 de Maio, a Lisboa, Fátima e ao Porto, deixou-nos muito felizes, pois veio de Roma até nós, para nos trazer palavras de esperança e amizade. Muito obrigado por ter vindo à nossa Pátria. Desejamos ao Santo Padre muita saúde, coragem e paz!

PADRE HORÁCIO — Toda a nossa Comunidade se deslocou, a 9 de Maio, Domingo, até Mira, para lembrar o nosso Padre Horácio, dez anos depois da sua partida. Encontrámo-nos na nossa casa de férias, na Praia de Mira, onde comemos do farnel que levámos e que alguns antigos Gaiatos partilharam. Depois, participámos na Eucaristia, pelas 15.00h, na Capela da Lentisqueira,

presidida pelo Pároco e em que celebraram os nossos Padres Carlos, João e Manuel. Vários Amigos, em especial da sua terra, estiveram presentes. Junto da sua campa, os nossos Padres e um antigo Gaiato, José Domingos, deram o seu testemunho de gratidão, em que realçaram o seu amor aos Gaiatos e Pobres, e a sua simplicidade.

FESTA EM COIMBRA — Este jornal sai precisamente no dia da nossa Festa — Encontro, anual, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, a 22 de Maio. Em especial os Rapazes mais pequenos, com a ajuda dos seus professores de apoio em nossa Casa, empenharam-se neste espectáculo, que contou com a colaboração de outras Casas da nossa Obra.

AGRO-PECUÁRIA — Numa Casa como a nossa, este é um sector que não pode deixar de existir; pois, é necessário para a nossa subsistência e aprendizagem.

Alguma chuva caiu, entretanto. Com estas condições, o milho grão, a milharada e as batateiras germinaram e cresceram. Mas, acontece que as ervas daninhas, dos terrenos dessas culturas, atacaram em força, em especial a junça. Assim, aplicou-se herbicida, no campo de milho; e fungicida no batatal. A horta foi lavrada, para se tratar, depois, contra as infestantes, tal como o pomar. Nos nossos jardins, foi necessário cortar a relva e arranjá-los.

Quanto ao gado, teve de se mandar abater dois bovinos, no matadouro, pela sua idade. No ovel, os cordeirinhos devemingar. □

SETÚBAL

Padre Acílio

LUZERNA — É uma planta leguminosa muito rica em ferro e outros nutrientes bastante compensadores para as vacas leiteiras.

Semeada em boas condições, produz, em oito ou dez anos, apenas com adubações de cobertura, quatro ou cinco cortes. Tem de ser bem semeada em terra convenientemente estrumada, com boa drenagem; valas limpas e desimpedidas de silvas e canas e os respectivos decaimentos para que o inverno não lhes apodreça as raízes e as mate.

Preparamos três terrenos com área total, aproximadamente, de dois hectares e meio.

Limpar as valas extirpar as silvas e carregar as grossas raízes das canas foi tarefa dura para um sábado!

Que o digam aqueles rapazes, que comigo sofreram num sábado até as catorze horas com um ou outro sinal de revolta.

O trabalho educa mas faz suar física e psicologicamente.

PRÉMIO — A Central Termelétrica de Setúbal foi distinguida com um prémio de 5.000 euros. O pessoal resolveu dar esse valor a instituições de solidariedade social, em vez de gastar em seu proveito; numa festa, num jantar, etc.

Há por ali gente com coração e consciência.

O período, tão exigente para os pobres, não se compadece com extravagâncias.

A Casa do Gaiato e a APPCDM de

Setúbal foram votadas entre as inúmeras da cidade.

Calhou-nos 2.500 euros.

Mais, ainda, esta escolha evidencia que a Obra não foi arrasada por tanta propaganda de mentiras e falsidades propaladas, aos quatro ventos, durante vários anos, pela maior parte dos meios de comunicação social.

A verdade e o bem não se esmagam facilmente quando assentam numa determinação sobrenatural.

CASINHA DO PÃO — Há mais de vinte anos que a *Casinha do Pão* apoia a Casa do Gaiato.

Estabelecida com seis lojas espalhadas pela cidade de Lisboa, a *Casi-*



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Obedecer

É notório que o reconhecimento da autoridade, legítima, tem atravessado sérias dificuldades, nos últimos decénios, com as profundas mudanças sociais, no mundo ocidental.

Este problema sente-se de maneira dolorosa nas famílias e nas escolas. Com frequência, escutam-se lamentos e experimenta-se a desobediência dos mais novos, em contextos educativos. É certo que a autoridade também se vai conquistando, com o testemunho de vida. Porém, nesta era digital, com grandes benefícios tecnológicos, à disposição, há uma certa tendência para o fechamento auditivo, devido às múltiplas solicitações audiovisuais. Este fenómeno também não predispõe ao diálogo.

Nos centros de ensino, quando não se respeitam os mestres, podem-se tornar locais de tensão e vazia distração. Os tempos lectivos acabam por ser queimados com apelos sistemáticos à disciplina e prejuízos evidentes para ambas as partes. Reforçar a autoridade dos docentes conduz com certeza a melhores resultados. Senão, a violência juvenil e o desânimo instalam-se. Isto preocupa seriamente todos aqueles que esperam uma boa formação dos mais novos e a sua eficiente preparação para a vida adulta e o trabalho, que vai escasseando. Acontece que, para alguns apeti-

tes, parece haver serviços menores.

Esta mazela também atinge os filhos que acolhemos. Na verdade, é com lentidão que se percorre o caminho de membro de uma nova família, quando os seus pais, biológicos, não os criaram, se desentenderam ou foram separados pela emigração.

Entre nós, às vezes, à mesa, a conversa sobe de tom. Há dias, um primeiro almoço já tinha terminado e eles continuaram em acesa cavaqueira. Nos pequeninos, o Rocha *embufou* e deixou de tomar conta da sua mesa; pelo que o Victório quis logo atravessar-se, mas o lugar já estava ocupado.

Nas obrigações matinais, outro rapazito veio queixar-se que o Aiyune e o Flávio não lhe obedeciam, pois não estavam a varrer nos sítios marcados. Em todas as comunidades, são imprescindíveis vozes de chefia que nos guiem para as melhores pastagens; senão, reina a confusão.

Toda a pessoa humana e, em especial, os jovens precisam de faróis que os iluminem no nevoeiro; caso contrário, chafurda-se na lama. Ora vejamos: no meio da permissividade actual, cerca de 80% dos jovens portugueses, com 15 anos, consomem bebidas alcoólicas...

Ser pai e mãe e pastor são vocações fundamentais para a

felicidade e o equilíbrio pessoal e social. Quem guarda no coração e na memória aqueles que lhes transmitiram a vida e os valores perenes, é porque o seu testemunho inesquecível é forte e verdadeiro.

Urge transmitir o verdadeiro Amor, em que a pessoa humana se dá, sem esperar nada em troca. No nosso tempo, afiguram-se como provocações contra a corrente de uma mentalidade narcisista e vazia de sentido, que atrai poeira para os olhos da juventude; bem pior do que as recentes nuvens vulcânicas que impediram o tráfego aéreo.

As tentativas de desagregação da célula base da sociedade e o perigo das generalizações, na onda de maledicência, visam fins sub-reptícios e confundem os incautos. Um Padre do deserto, Macário, avisou-nos: *Quantos dias passaste sem maldizer o teu irmão?*

Nestes dias, em que o Pastor da Igreja universal veio ao encontro do nosso povo, para nos confirmar e animar na fé, sendo acolhido com júbilo, faz-nos bem recordar a fidelidade do Padre Américo: *Eu sou do Papa. Gosto de ser mandado. Nunca o Bispo me disse outra coisa — Ande lá! Gosto de obedecer. Gosto da autoridade.*

Junto ao mar da Galileia, os primeiros discípulos tiveram mesmo de deixar as redes: *«Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens»* (Mc 1,17). A Simão e André só lhes restava seguir o Mestre da barca, porque escutaram bem Jesus! □

DOCTRINA

Pai Américo



Educação

À minha chegada de Lisboa, o refeitoreiro dos «senhores» faz-me entrega de um cartão. Um visitante. Um visitante que se apresentou no sábado e foi-se embora no domingo. Vinha para ficar, com mala e tudo. O nome era meu conhecido. Muito estimei a sua visita.

Não estava eu. Não estava Padre Fatela. Não estava professor Madureira. Estavam professor Arlindo mai-lo senhor Joaquim e disse. O resto era tudo malta. O assunto, à hora do meu regresso, foi justamente a presença do estranho. Todos me queriam reproduzir, a seu modo, as impressões sobre o que tinha visto e ouvido no decurso da visita curiosa. Foi então que eu disse quem era o visitante.

— Quê? Um Lente?

— Sim senhor. Lente da Universidade de Coimbra.

— Oh diabo! Eu tratei-o por você. Você cá. Você lá! E agora?

O professor Arlindo quis mandar-lhe uma carta desfeita em desculpas, mas eu disse que não. Se ele é Lente, compreende tudo. De resto, que importa este ou aquele tratamento? O homem vale pelo que é.

ESTE senhor apresentou-se de mala aviada, um sábado de tarde, resolvido a ficar, como de facto fez. Não falei com ele. Não sei ao que vinha, mas por aqui se nota não ter sido da sua parte uma simples visita de curiosidade. Por algo mais cá veio.

Muito estimo visitas assim na minha ausência e por visitantes daquela natureza, porquanto ficam conhecendo melhor. A minha presença talvez tivesse sido estorvo.

DE quanto me disseram das apreciações do hóspede, uma coisa me ficou, a saber: «Nós afinal de contas não sabemos educar». Um pai de filhos! Um lente da *Briosa!* Seria por não ter visto aqui ninguém com ares de educador, que ele assim falou? Ou por ter observado a sublime desordem da Aldeia? Ou por ter notado a vida a esguichar? Não sei. Ando morto por falar com este senhor e pedir que me diga aonde quis chegar com aquela afirmação. Quando isso acontecer, torno aqui, pois também desejo que os mais saibam.

EU nunca fui a casa de ninguém. Não sei como é nas famílias numerosas. Porém, como está no costume virem à nossa Aldeia, aos domingos, famílias numerosas, eu tenho observado que os filhos daquelas não vão pelos caminhos dos nossos. É assim: Chega o carro. Saem os pais. Saem os filhos. Saem as criadas. Os pequenos lançam a vista em redor. Estão ali jogos, campos, avenidas, passarinhos, animais — o seu mundo. Seguem direitinhos àquelas coisas, solicitados naturalmente e honestamente por elas. É o seu grande elemento. Pois bem. Mal o pequenino arrisca os passos alegres em direcção às coisas, aí vão as criadas e depois a mãe e logo atrás o pai: «Pràqui! Pràqui!» E a pretexto de que suja as mãos e suja o fato e pode aleijar-se, o menino não pode sair de ao pé dos seus parentes! A uma nova investida das crianças, responde nova investida dos pais e assim, aquela tarde na Aldeia, em vez de tempo agradável, é um mútuo tormento. Nem sol, nem jogos, nem passarinhos, nem nada. A santa e amorosa tirania dos parentes! De que se conclui que uma vez aqui, assim em casa há-de ser na mesma. Antes não fosse. Não é deixar que o menino faça tudo o que lhe apetece, e muitas vezes deixam — outro erro. É deixá-lo voar. Asas. O menino não se suja. Também não suja o fato. O menino não se aleija. Ele sabe fugir dos perigos. Exemplo: Desde 1932 que nós lidamos com rapazes endiabrados. Milhares deles nos têm passado pelas mãos. Temos dois desastres registados. Um rapaz quebrou uma perna e outro quebrou um braço. Ambos baixaram ao hospital, curaram-se e acabou. Ora eis.

QUANTOS parentes, cuidando que fazem bem, apagam na alma dos seus as mais generosas e humanas e santas aspirações — quantos?! Quantos rapazes e raparigas, hoje na vida, azedos e amargos e talvez revoltados, só porque os seus pais levaram à sua frente a meninice deles: «Pràqui! Pràqui já!» Torcer, não. Puxar, não. Não há pior fome nem pior sede do que a de justiça. Cautela, parentes! Cautela, mundo! Não dêem à criança esta fome e esta sede.

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.

DA CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Sou assinante d'O GAIATO, que sempre leio e admiro. Ele é um Amigo que entra na minha casa. Estou em dívida, não sei há quanto tempo não envio a minha contribuição. Hoje venho enviar esta migalhinha. Desculpai ser pouco, mas é enviada com muito amor e carinho. Que Deus vos ajude para poderdes ajudar os que precisam.

Assinante 32000»

«Sirvo-me da presente para anexar o vosso postalzinho RSF à minha carta e simultaneamente liquidar a minha dívida e também liquidar a assinatura do meu sobrinho-neto, que é o primeiro nome do postal. Vou

falar deste pequeno-grande jornal às pessoas minhas conhecidas... Vamos confiar, uma vez mais, no Pai que ajuda e protege os Seus filhos.

Assinante 75498»

«As inscrições que abaixo indico, são referentes a amigos colaboradores numa actividade evocativa ao nosso Pai Américo, realizada em Coimbra no ano passado. Como agradecimento, queremos oferecer-lhes, por um ano, a assinatura do Jornal. Assim, agradeço que antes de as considerarem como novos assinantes, verifiquem, pela morada, se já constam ou não do vosso ficheiro. Os nomes poderão não estar completos,

porque pretendemos que a inscrição seja uma surpresa.

Assinante 32598»

«A minha mãe era assinante do Jornal e uma grande amiga dessa Obra, que tanto admirava e gostava... Peço que nos incluam nas vossas orações, das quais tanto precisamos...

Assinante 9705»

«Queridos amigos, como sempre tenho recebido o vosso jornal, mas depois ponho-o de lado e esqueço-me de vós'. Mas hoje lembrei-me de vos mandar um 'bolo rei', e a partir de agora vou estar mais atento.

Assinante 59594»

nha põe, em cada uma, um pequeno cofre mealheiro a dizer bem das nossas Casas e a pedir colaboração dos seus clientes.

Duas ou três vezes por ano, abre os cofres e tem depositado, no NIB da Obra da Rua, o resultado da sua colheita.

Concorrendo, em Lisboa, no Festival do Peixe promovido pela Confraria dos Pastéis de Nata, em competição com os melhores Hotéis e as mais famosas Pastelarias Lisboenses ganhou a medalha de prata e, em acção de graças a Deus veio trazer-nos 364,06 euros, e cento e cinquenta pastéis de nata, quentinhos, para a sobremesa dos rapazes, almoçando connosco.

Uma delícia de amizade e de fé

desta gente que gasta a vida a adoçar a vida dos outros!...

Não fossem eles familiares dos Santos Pastorinhos de Fátima.

CASTIGO — Caman e Nino foram castigados na escola com cinco dias de suspensão.

Muito me doe! E que tanto um como o outro, são intelectualmente, bem dotados. A escola não tem muitos modos de castigar.

Os alunos são reis. Os professores escravos. Em último recurso vão para a rua! E lá se perdem as aulas os livros os subsídios e o nosso sacrificado esforço!... Lá vai tudo por água abaixo.

Com uma pseudo-ciência chegámos a este estado de coisas. Leis e

projectos estúpidos que só têm em conta sociedades abstractas e não, em muitos casos, gente que ainda não evoluiu para estes patamares sociais, sem travão se degrada com esta permissividade louca.

Estes legisladores e seus conselheiros é que deviam tomar nas mãos determinados adolescentes com encargo obrigatório de fazer deles homens para verificarem como são idiotas, em muitos casos, os seus projectos educativos.

Assim, todos sofremos e muitos adolescentes são prejudicados.

Caman tem sido apertado, em casa com trabalho, mas como não podemos, nem devemos estar sempre a vigiá-lo, foi visto deitado no lugar de serviço. □

CALVÁRIO

Padre Baptista



A bondade

ENCONTRA-SE aqui um doente que nunca se zanga, nem altera, nem levanta a voz. Está sempre bem com todos. Até deita água na fervura dos desenhos que, por vezes, surgem à nossa volta. Gosta de ser como é. A bondade está sempre diante dele, no seu caminho.

Ser bom, é atributo não ambicionado pela maioria dos homens de hoje. Mas isto é o que todos deviam ser.

Investe-se em tantos campos da actividade humana. Há, até, cen-

tros de formação para mil e uma coisa. Ele são seminários, colóquios, simpósios para tudo tratar e estudar.

Mas para que a bondade seja, não apenas conhecida mas, vivida e se espalhe entre os homens não existe quase nada. Haverá mesmo alguma coisa?

Ora, a bondade é o destino que Deus traçou para cada um. Mas, o que é ser bom? *Bonum ex integra causa*. A bondade é a perfeição do ser e do agir. A bondade não convive com o defeito. A

bondade é, assim, caminhada em direcção à perfeição de todo o ser humano — caminhada nunca acabada, porque a meta é o regresso a Deus.

Muitas vezes pergunto-me porque são tão amigos uns dos outros os doentes que aqui temos? Veio cada um de seu lado. Não se conheciam, mas vinham carentes. Por isso, repartem carinho e amor. Eles são apelo forte para que sejamos como eles. Os modelos de comportamento que a sociedade nos propõe, são de outra ordem. São mesmo, por vezes, redutores da própria dignidade humana.

Ora, o homem, quando Deus está fora dos seus caminhos, perde a referência maior e única para a sua afirmação e para aquilo que é chamado a ser: «*imago Dei*». E cada um de nós é, de facto, imagem de Deus, ainda que não nos apercebamos disso. O pecado desfigura essa imagem, mas não a destrói. Felizes aqueles que a conservam, ou procuram restaurar. Aqueles que a retêm são apelo permanente para quem anda atento.

Jesus, pedagogo por excelência, chamou a atenção de todos para aqueles que reflectem essa «*imago Dei*»: — *Deixai vir a Mim as criancinhas*. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

É um permanente estado de equívoco que nos rodeia. Sentimo-lo nas pessoas que nos visitam a primeira vez; nos tribunais onde temos de ser ouvidos; nos meios de comunicação social de quem somos objecto de notícia; nos organismos do Estado por quem somos julgados; por alguns membros da Igreja, embora com eles membros do mesmo Corpo, por quem somos incompreendidos.

Este permanente estado de equívoco, que marca a nossa vida, não sendo desmotivador é, no entanto, causa de insatisfação.

Todos gostamos de ser bem acolhidos; também de ser apreciados e motivo de agrado para os outros; até de sermos enaltecidos como resultado do esforço que

fizemos. Somos humanos, e o ser humano gosta destas coisas.

Lembro-me de um dia ter lido palavras de Pai Américo, dirigidas em retiro às Senhoras da Obra, acentuando o gosto que já vinham tendo na vida, pelo amargo que esta lhes trazia. Elas que nem sequer tinham um hábito bonito como outras consagradas, nem amigos, somente uma alma cheia com o sabor amargo da vivência das Obras de Misericórdia, e a espera da Promessa: «O espanto final... É cara a cara... A luz da glória».

Este equívoco há-de permanecer, tem de permanecer. É constituinte do nosso ser.

Por isto mesmo, a insatisfação que sentimos há-de permanecer, tem de permanecer, até que a Promessa se realize: «Vale a pena

trabalhar a vida inteira por uma vida gloriosa» — Pai Américo.

Entretanto, quem conosco tem uma relação institucional, olha para nós com olhar desfoçado. O formal da Instituição, os seus pergaminhos e seguranças, não têm cabimento na nossa vida. «Somos uma Obra redentora», no dizer de Pai Américo, logo livre do espartilho finito em que a vida humana se desenvolve.

Como Pedro, vale mais agradar a Deus que aos homens, sem com isso lhes faltar em nada daquilo que têm direito.

O que nos motiva não são realizações do tempo actual. O que procuramos, não encontramos ainda. Noutro lado havemos de encontrar.

Esta é a causa do equívoco que nos rodeia e de quem nos vê. □

SOU DO PAPA

Padre João

Continuação da página 1

século XX: «Abri de par em par as portas a Cristo...». De outra forma ainda mais frontal, dirigindo-se aos milhares presentes no Parque Eduardo VII em Lisboa: «os jovens são aliados naturais de Cristo... no processo da evangelização...» Acreditamos que muitos o terão escutado e respondido afirmativamente em opções concretas de vida. Hoje, são sacerdotes, missionários e outros consagrados; a maioria leigos comprometidos no labor apostólico no meio do mundo, em áreas tão carentes de testemunho como o são, a cultura, a política, a economia e a família.

A vinda de Bento XVI faz-nos recordar as sucessivas de João Paulo II, por-

tadoras de um dinamismo evangelizador centrado na confiança em Cristo Redentor do Homem; normativas para a Igreja: «o caminho da Igreja é o caminho do Homem», na humildade e na busca permanente da santidade. Bem o significaram as beatificações de Jacinta e Francisco Marto, os dois Pastorzinhos propostos como modelos de santidade; verdadeiros intérpretes de um Mundo que urge reconstruir

na mais lídima fidelidade evangélica: «Deixai vir a mim os pequeninos e não os afasteis porque o Reino de Deus pertence aos que são como eles... quem não receber o Reino de Deus como um pequenino não entrará nele». (Mc.10,14).

Uma autêntica revolução copernicana que constituirá sempre uma afronta aos interesses dos poderosos e grandes deste mundo. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Senhor dos Céus, que estes inocentes que hoje têm medo não metam medo amanhã e assim Vos preguem. O mundo não quer medo, quer amor. Não quer temer, quer amar. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

AS rendas de casa afogam-me. Sempre que pago uma ou alívio outra aflição, faço acompanhar a oferta, deste pedido: «Não digas nada a ninguém».

Não sou original. O Mestre usava a mesma técnica. «Vai e não digas a ninguém», dizem os Evangelhos. Mas quanto mais recomendava mais eles divulgavam, acrescentam. Eu tenho medo, não de ser levado, mas de prejudicar os que mais precisam e de com o meu auxílio, favorecer o desgoverno e a preguiça.

Quando são quantias grandes, pego no carro e vou a sua casa, mas sempre que as dívidas ficam aquém dos cem euros, cheio de trabalho, como ando, faço fotocópia dos documentos e passo o cheque.

Também, por este caminho, as coisas não se revelam fáceis. É que os pobres, não só têm de carregar com o seu atraso, ignorância e carências mas também com o humilhante estatuto de pobre. Nunca pensei que alguns serviços, recusassem aceitar os cheques!... Precisam da fotocópia do meu bilhete de identidade!... Só nos faltava mais esta!... O cheque tem reconhecimento. O cabeçalho diz: *Obra da Rua ou Obra do Padre Américo*.

Não percebo como esta individualidade vale para uns e não vale para outros. Os pobres não sabem lidar com estas formas de transacção de valores e não argumentam.

Quem sofre? Sempre os mais pequenos e mais ignorantes, os quais têm de voltar à Casa do Gaiato, percorrendo muitos quilómetros a pé: — Olhe que não me aceitaram o cheque — E lá vou eu inutilizar o dito e buscar o dinheiro.

Tenho encontrado pessoas, mães, avós que, apesar da idade e da vivência natural, continuam imaturas. Rendas atrasadas, ainda de 2004 até agora, com um ou outro mês liquidado.

Muito ralho com os pobres: — A renda da casa está sempre em primeiro lugar. É sagrada. Ali não se mexe, e, chegando o dia do pagamento, está pronta, para que a gente tenha um tecto que nos abrigue. Mas, depois... não sou capaz. Mais ainda, quando os processos já estão em tribunal e imagino as famílias na rua, não me contenho: — Olhe que é a última vez. Nunca mais venha ter comigo.

Assim, foram: 1.419,09 euros para uma família com o pai e um filho doentes, e 815,20 euros a uma viúva com cinco netos a seu cargo. A esta senhora não paguei a dívida completa porque ela recebe, por mês, quatrocentos e tal euros de rendimento de inserção.

Livre-a do tribunal, colocando-a em condições de poder negociar com a Câmara, ir pagando, todos os meses a respectiva renda, e o que falta, a fim de não ir para a rua.

Na verdade, esta gente, mesmo com o tal subsídio de inserção, está sujeita a muito sofrimento, passa inúmeras privações, sobretudo se são doentes e não podem, não sabem ou não foram habituadas a trabalhar.

Outro casal idoso que me entrou pela capela adentro quando me preparava, recolhido interiormente, para celebrar, mesmo vendo-me em oração, dirigiram-se desassombadamente à minha pessoa, como o naufrago se agarra à bóia. Nada os impedia, nem o lugar nem minha ocupação daquela hora, nem qualquer receio de censura: «senhor padre, senhor padre, senhor padre acuda-nos que vamos para a rua, nós que somos velhos e doentes».

Lá, os enxotei — é o termo — para poder celebrar.

Preparei o pão e o vinho. Acendi a vela e paramentei-me.

O altar apresentava-se sublime e aquela hora extasiava-me. Estava só com Deus a memoriar o sacrifício do Seu Filho Jesus Cristo.

Mas! Qual quê? Os pobres dominavam-me e, tudo em mim, convergia para aquelas figuras humanas. As palavras, os lamentos, a persistência na sua aflição e os seus rostos. «A gente espera», disseram, quando lhes fechei a porta da capela.

A minha Missa foram eles! O Senhor escondeu-se e só eles me falaram.

Claro, que tive de ir a sua casa. O sol já se escondia e a noite aproximava-se. Tinham vindo num carro, muito velho, dum vizinho que o conduzia.

Com o Jaime a acompanhar-me seguimos atrás dele. A roda traseira do veículo rolava oscilando assustadoramente.

O carrito foi-se abaixo três vezes e lá teve o Jaime de sair do nosso, para empurrar o carro deles.

Era noite fechada quando chegámos ao bairro. O homem acendeu um candeeiro para alumiar a casa. Outro espanto: — Não tem luz!

Toda a instalação eléctrica desaparecera. Sempre assim viveram.

É bom levar os Rapazes comigo. Eles vêem. Eles sentem. Eles colaboram!

O Jaime, que é electricista, comprometeu-se a instalar-lhes a luz. Eu compro o material e pago a ligação à EDP.

Estes pobres têm direito a luz em casa. Então, a rua deles está iluminada e a sua casa não?!... Em que mundo estamos?!

Temo escrever estes dramas; é que eles irão ler e comunicam.

Mas, como fazer? Não me posso calar. Dei-lhes 835,60 euros. O resto, que é perto de 400 euros, pagá-lo-ão com o seu sacrifício.

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

Casa do Gaiato de Setúbal

Algerúz

2910-281 Setúbal. □